Narrativas Visuais: ferramentas estéticas/investigativas na experiência docente

*Leda Guimarães**

Resumo

As reflexões neste texto giram em torno da construção de narrativas visuais como espaço investigativo no cenário metodológico da orientação de projetos de pesquisa em educação e visualidades, no programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. Foram recolhidos fragmentos de quatro trabalhos que se diferenciam nos temas, mas que em alguns pontos se encontram no uso da construção imagética como processo da pesquisa e da escrita da dissertação. O objetivo é apontar possibilidades metodológicas de investigação estética/pedagógica e cultural, bem como vieses e reveses dessa opção no meio acadêmico, tão afeito à supremacia da palavra/texto, especialmente no rigor formal do texto escrito na elaboração do pensamento sistematizado. Após a explicitação e reflexão em torno destas práticas, conclui que todos os trabalhos desta natureza convergem para a importância do olhar de quem vê para a construção de sentidos e subjetividades com as imagens e nas imagens, revelando desejos, discursos e práticas que formam o ver. Afirma ainda que a cultura visual, enquanto um campo pós-disciplinar, propõe-se a estudar não somente as imagens e seus usos, mas também como essas imagens e usos são constituídos por meio de relações sociais e históricas e, ao mesmo tempo, como essas relações constroem os modos como lidamos com as imagens e as usamos, o que reafirma a

* Doutora em Artes pela Escola de Comunicação e Artes-ECA da USP. Professora da Faculdade de Artes Visuais da UFG onde atua na Licenciatura, na Especialização em Arte Contemporânea e no Mestrado em Cultura Visual. leguiba@hotmail.com

importância das narrativas visuais como um horizonte metodológico de investigação.
Palavras-chave: Cultura visual; Educação; Visualidades; Narrativas visuais; Metodologia de pesquisa.

Visual narratives: aesthetic/investigative tools in the teaching experience

Abstract

The reflections in this paper revolve around the construction of visual narratives as an investigative space in the methodological scenery of the orientation of research projects in education and visualities, in the postgraduate program in Arts and Visual Culture from the Federal University of Goiás. Fragments were collected from four studies that differ on the issues, but agree in some points, using imagery in the dissertation's research and writing process. The aim is to point out methodological possibilities of aesthetic, educational, and cultural research as well as this option's bias and reverses in the academic environment, which is so accustomed to the supremacy of the word/text, especially in the formal rigor of written text in the development of systematic thinking. After the explanation and reflection on these practices, the article concludes that all studies of this nature converge on the importance of the individual's look for the construction of subjectivities and senses with and in images, revealing desires, discourses and practices that form the view. It further states that visual culture, while a post-disciplinary field, intends to study not only the images and their uses, but also how these images and uses are made through social and historical relations and, at the same time, these relationships build the ways we deal with images and use them, which reaffirms the importance of visual narratives as a methodological horizon of investigation.

Narrativas visuales: herramientas de estética / de investigación en la experiencia de enseñanza

Resumen

Las reflexiones en este trabajo giran en torno a la construcción de narrativas visuales como un espacio de investigación en el escenario metodológico de la orientación de los proyectos de investigación en educación y visualidades, en el Programa de Posgrado en Arte y Cultura Visual de la Universidad Federal de Goiás. Fragmentos fueron recogidos de cuatro estudios que difieren en los temas, pero que en algunos puntos se encuentran en el uso de la construcción de imágenes como proceso de la investigación y escritura de la tesis. El objetivo es señalar posibilidades metodológicas de investigación estética / educativa y cultural, así como los bieses y reveses de esta opción en el mundo académico, tan propenso a la supremacía de la palabra/texto, especialmente en el rigor formal del texto escrito en la elaboración del pensamiento sistemático. Después de la explicación y la reflexión sobre estas prácticas, llega a la conclusión de que todos los estudios de esta naturaleza convergen para la importancia de los ojos del espectador para la construcción de sentidos y subjetividades con las imágenes y en las imágenes, revelando deseos, discursos y prácticas que constituyen el ver. Además, afirma que la cultura visual, mientras campo de post-disciplinaria, se propone estudiar no sólo las imágenes y sus usos, sino también cómo estas imágenes y los usos se hacen a través de las relaciones sociales e históricas y, al mismo tiempo, como estas relaciones constituyen las maneras como hacemos frente a las imágenes y el uso de ellas, lo que reafirma la importancia de las narrativas visuales como un horizonte metodológico de investigación.

Palabras clave: Cultura visual; Educación; Visualidades; Narrativas visuales; Metodología de la investigación.

Sou professora de artes visuais na Faculdade de Artes Visuais da UFG. Trabalho especificamente com a formação de professores na graduação. Desde 2005 faço parte do Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual na linha de educação e visualidade

no qual oriento dissertações que investigam relações entre educação e visualidades. A sala de aula só tem sentido como instância de invenções, problematizações e instigamentos, nem sempre congruente com os rumos kafkianos que a burocracia institucional tem imposto a vida atual docente. Geralmente, procuro formas narrativas nesse processo de (des)aprendizagens contínuas, posso enumerar aqui projetos tais como além de estratégias cotidianas de gráficos, mapas, etc. As narrativas assumem um papel preponderante na cena docente atual pois permite refletirmos sobre a prática educativa em si mesma como também as narrativas são ferramentas investigativas do fazer docente.

As reflexões aqui desenvolvidas giram em torno da construção de narrativas visuais como espaço investigativo no cenário metodológico da orientação de projetos de pesquisa em educação e visualidades no programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. O trabalho de orientação não é uma tarefa clara que segue um receituário prescritivo do "faça isto ou aquilo" que vai dar tudo certo. Cada orientador/a tem uma maneira de trabalhar que se soma às particularidades de cada orientando. Acredito que se estabelece uma parceria baseada numa relação de confiança que como toda relação, passa por fases, encantamentos e desapontamentos, corre riscos, e no caso das relações acadêmicas, espera-se que "não seja eterno enquanto dure", pois é na provisoriedade do contrato, que o resultado é muito mais do que o produto "dissertação".

Recolhi fragmentos das dissertações de mestrado de Ivaina Oliveira (2008), Wolney Fernandes (2009),Vânia Olária (2010) e Rosilandes Martins (2010). São quatro trabalhos que se diferenciam nos temas mas que em alguns pontos se encontram no uso da construção imagética como processo da pesquisa e da escrita da dissertação. Ao apresentar o processo de construção da dissertação via o uso de narrativas visuais desses ex-alunos, viso apontar possibilidades metodológicas de investigação estética/pedagógica e cultural bem como vieses e reveses dessa opção no meio acadêmico tão afeito a supremacia da palavra/texto, especialmente no rigor formal do texto escrito na elaboração do pensamento sistematizado.

Desenhos, cartazes, fotografias, postais, cores e texturas e outras linguagens visuais permitem construir e reconstruir num contexto relacional percepções e novas significações sobre os temas levantados. Dando exemplo do lugar que ocuparam no trabalho de cada aluno pretendo argumentar que no lugar de meras ilustrações as narrativas visuais são poderosas ferramentas de apreensão cognitiva, de construção de uma trajetória de pesquisa e de apreensão pedagógica. Todos foram meus orientandos/as e assim, ao refletir sobre o processo da construção do trabalho deles, estarei também refletindo sobre caminhos que vou trilhando enquanto orientadora, que acredito ser uma tarefa em permanente estado de desconstrução, construção e reconstrução.

Sempre gostei de desenhar e mesmo para explicar algo fica mais fácil se tenho papel e lápis/caneta para rabiscar. Ações docentes e planos pedagógicos são também desenhados/rabiscados antes de serem formatados em formulários. Essas "rabiscagens" me ajudam a perceber as minhas intenções, onde quero chegar, os "porquês" escondidos, subliminares, assim como por meio desses "rascunhos" vi muitas vezes uma "brilhante idéia" mostrar-se inviável e ter que ser reorientada. Minhas orientações são acompanhadas de gráficos e rabiscos os quais, meus orientando/as acabam se apropriando. Nunca havia parado para pensar que esses procedimentos poderiam ser discutidos como processos metodológicos na construção da pesquisa. Reunindo agora suas dissertações já concluídas, percebo pontos comuns nessa construção, que, aliás, foi uma colega, a profa. Lilian Ucker, ao participar de uma banca de TCC de uma orientanda minha, disse "esse trabalho é a cara da tua forma de orientar". Foi aí que comecei a pensar se de fato havia "essa cara" e como seria. É esse o ponto focal desse exercício, refletir sobre como as trajetórias foram se constituindo.

Ivaina Oliveira: muitos bordados a serem riscados

Começo com uma das minhas primeiras orientandas, Ivaina de Fátima Oliveira da turma de 2006/2007. Ivaina é formada em Licenciatura em Educação Artística e professora da rede de

educação do Estado de Goiás. O trabalho de Ivaina denominado (In)visibilidades nasce da inquietação de como trabalhar com Cultura Afro-brasileira e Africana no ensino de artes visuais? Por sua vez essa inquietação amparou-se na obrigatoriedade da Lei 10.639/2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica. Trás como base a experiência como professora de arte na rede pública na qual pode presenciar muitos casos de preconceito em relação a cultura africana, ou afro-brasileira. Sua proposta de investigação se propunha a uma verificação do impacto da lei nas escolas e nas agendas da disciplina arte. Nas primeiras conversas e primeiros exercícios textuais Ivaina fazia afirmações contundentes de "certo e errado", de injustiças e seus culpados. No desenrolar do processo pedi a mestranda que procurasse raízes ou antecedentes da implementação da lei, o que ela buscou com êxito fazendo um rastreamento das pautas de reivindicações dos movimentos negros no Brasil. Outra questão do trabalho de Ivaina era fato de não haver material didático (segundo suas afirmações) que amparasse a implementação da Lei. 10.639/03. Propus então que começasse a fazer um levantamento de iniciativas tais como projetos, publicações, ações educativas que dialogasssem com o intento da referida lei.

Ivaina abriu duas fontes de investigação que iriam ser importantes elementos na discussão do seu tema: a primeira fonte é imagética, no campo da produção das artes plásticas, onde ela faz um levantamento das imagens que habitam e das que não habitam o ensino de artes visuais no Brasil. Inicia com um mapeamento de ilustrações representando negros/as em livros didáticos e em cartazes na escola que revelam estereótipos físicos, culturais, sociais. Ivaina denomina estas imagens de "visualidades negativas". Dentro desta mesma classificação coloca pinturas tais como a Olympia de Manet bastante conhecida na história da arte europeia onde se vê a mulher branca sendo servida pela mulher negra. "Os códigos europeus estabeleceram os padrões morais, políticos e intelectuais do mundo, com reflexões também nas artes e no seu ensino". (OLIVEIRA, p. 84, 2008).

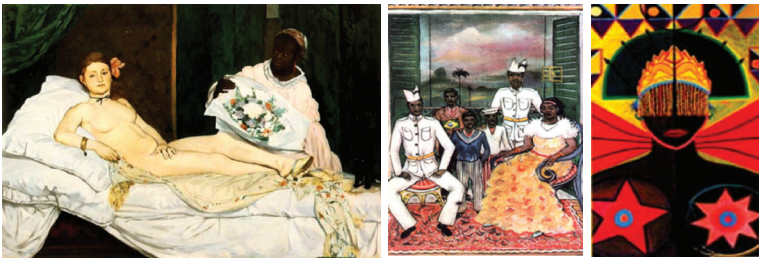

Figura 1 - Edouard Manet, Olympia, 1863, 130x190, Museu Mosee d`Orsay, Paris. Guignard, Família do fuzileiro naval, 1930, Abdias do Nascimento, Oxum em Êxtase, Búfalo, 1975.

Em contraposição a Olympia Ivaina pesquisa e trás para o contexto da sua pesquisa "visualidades positivas" como, por exemplo, o retrato da Família do fuzileiro naval, 1930, de Guignard e depois Oxum em Êxtase, Búfalo, 1975 de Abdias do Nascimento. O quadro de Guinard mostra outra condição da mulher no contexto de uma família negra, todos os membros em primeiro plano, a mulher numa postura elegante e bem vestida. Já na obra de Nascimento a figura feminina ocupa a quadro inteiro, como a divindade Oxum. Superando a relação negativo/positivo Ivaina apresenta a produção da de Rosana Paulino artista que tem sua produção ligada a questões sociais, étnicas e de gênero, tendo como foco principal a posição histórica da mulher negra na sociedade brasileira que assim como Ivaina, discute a questão da invisibilidade negra.

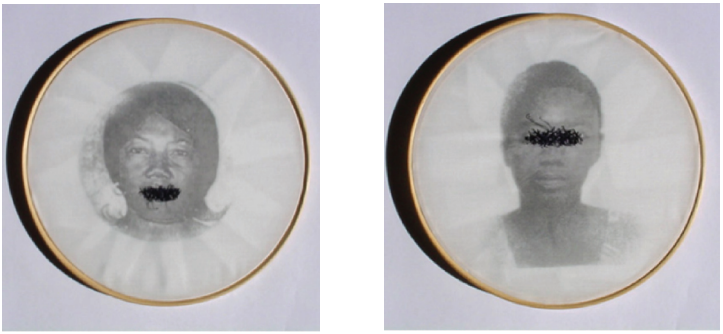

Figura 2: Rosana Paulino: Bastidores – 30 cm diâmetro – 1997.

As duas imagens da série Bastidores (1996/1997) mostram fotografias de mulheres negras transferidas para panos presos por bastidores (aros de madeira para a prática do bordado). O bordado vendando olhos e lacrando boca denuncia a violência doméstica contra mulheres.

No entanto, acredito que foi no momento final ao elaborar pensar em uma maneira para apresentar a dissertação que a mestranda conseguiu se ver no âmago da sua investigação e ao pensar numa apresentação para o trabalho escrito, elaborou uma narrativa visual com base no bordado, em páginas que vão do primeiro risco, ainda sem linha, ao processo gradual da linha preenchendo os traços do desenho. Arrisco dizer que este é o mesmo bordado de Rosana Paulino, agora no formato dissertação contaminada inclusive no texto escrito que em vários passagens faz usos das operações dos bordados como metáforas para as apreensões e aprendizagens da sua trajetória como mestranda.

> ... **lembro do bordado** que propus fazer no início desta pesquisa e vislumbro muitos caminhos a serem percorridos, **muitos bordados a serem riscados e pontos a serem preenchidos**. Penso que este é um bordado que conta histórias de vida, de costumes, de fé. Sendo assim, tudo se configura, se realinha, se constrói e reconstrói, pois esta é dinâmica e o fluido da vida que se recomeça a cada instante. Diante destas narrativas escritas e novos questionamentos que parecem não chegar a nenhum ponto final nem a uma zona de conforto, me vejo em meio a novas configurações e novos bordados vão colorindo a trama do tecido simbolizando novos conhecimentos. (Ivaina de Fátima Oliveira, p.78, 2007). grifos meus.

Em um texto escrito após a conclusão de sua dissertação Ivaina afirma "... vejo o ensino de arte como um campo inacabado no qual a Lei 10.639/03 vem dar maior completude em suas dimensões tornando-o mais prenhe de valores de diferentes manifestações artísticas e de inter-relação entre os códigos culturais de diferentes grupos."(OLIVEIRA, 2008). As imagens que ela escolheu do risco do bordado, a do preenchimento do desenho com os fios, a toalhinha finalizada e novamente o pano, a agulha e a linha a espera de novos riscos revelam que a narrativa de Ivaina fala de si mesma como pano, agulha e linha no processo de construção de conhecimento. Nessa perspectiva o trabalho de Ivaina revela essa produção, pois como ela mesma declara: "Tal qual uma aprendiz de bordadeira, que precisa de pequenos traçados para iniciar seu ofício, sou também aprendiz desta pesquisa". Posso dizer o mesmo no meu percurso como orientadora aprendiz.

Vania Olária: Imagem e tragédia: uma experiência consumatória

O segundo relato vem do trabalho de qualificação de Vânia Olária minha orientada de 2008 a 2009. Vânia é bacharel e licenciada em artes visuais e professora de artes nas rede estadual de Goiás e na rede municipal de Goiânia. Seu projeto para a investigação de mestrado teve origem na sua inquietação com a discriminação social e estética vivenciada pelos integrantes do grupo Madre Hip Hop, numa escola pública em Goiânia no período em que lá atuou como professora regente de artes, no turno noturno. Na busca de fundamentação para seu trabalho buscou discutir noções de arte e de cultura como instrumentos de análises para as relações escolares, com jovens negros e mestiços, estudantes no turno noturno de uma rede pública de ensino, moradores da periferia da cidade de Goiânia. O assunto se constitui sobre a atuação do grupo no movimento cultural Hip Hop e a presença da atuação dos Hip hoppers na escola. As reflexões se voltaram para o questionamento das limitações teóricas e práticas de correntes teóricas sobre arte e sobre cultura, ideologias que regem as relações de ensino-aprendizagem. Buscou discutir ampliações

conceituais - culturais, estéticas e sociológicas, demonstrando os prejuízos pedagógicos de políticas de exclusão e elitização da arte e da cultura dos estudantes, a fim de promover o potencial democrático de tais integrações, para a educação.

Fiz o recorte da sua qualificação porque foi um momento muito significativo para meu exercício docente como orientadora e acredito que para a relação orientadora/orientanda, pois pude me perceber na forma detalhada como Vania descreveu o processo. Na relação ela sempre teve a primazia de entender melhor o que estava se passando, embora não admitisse. Seu processo de busca teórica sempre foi além do que se pedia. Uma das minhas provocações era a de que interagisse mais com as visualidades presentes no contexto social, cultural, estético dos jovens hip hopers em questão.

Lembro-me, também, que na proposta de minha orientadora para nosso primeiro exercício, na disciplina Estudos Orientados, ficou claro que poderíamos usar e abusar de gráficos, imagens, tabelas... Penso que mesmo com todas essas sinalizações, tal procedimento não me fez sentido, talvez devido a idéias que já tinha introjetado sobre um tipo de dissertações de mestrado. Durante o curso das disciplinas, quando me voltei, talvez excessivamente, para abstrações teóricas, minha percepção não se concretizou de forma significativa para as ações que deveria empreender (em breve!) em meu trabalho. (Vania Olária, texto de qualificação. p.34, 2007)

Porém essa resistência foi "afetada" e em um determinado momento Vânia manifestou o desejo de fazer uma narrativa e realizou um ensaio visual que ela chamou de "Fragmentos de um cotidiano: interpretações fotográficas". O ensaio teve objetivo interagir, produzir e negociar significados entre os atores sociais, os possíveis leitores e ela mesma; preservando seu potencial de heterogeneidade de interpretações, para a construção dessa investigação. Metódica e disciplinada ela primeiro leu, pesquisou os teóricos e depois se pôs a campo interagindo visualmente com um dos colaboradores do seu trabalho, o hip hoper Beicim que também é grafiteiro. Sua primeira viagem fez um passeio no cotidiano do rapaz, sua casa, amigos, trabalho, sua arte, etc.

Figura 4 – Imagens selecionadas do ensaio "Fragmentos de um cotidiano: interpretações fotográficas" realizado por Vânia Olária no Setor no dia 29 de janeiro de 2009. Mostram o bairro, a casa, a arte e o cotidiano de Beicim, hip hoper da Vila Pedroso, um dos colaboradores da pesquisa.

Nesse ponto a mestranda abriu espaço para representações visuais como parte de um conjunto entrelaçado de práticas e discursos. Mitchell defende o estudo da imagem como um jogo complexo entre visualidade, aparatos, instituições, discursos, corpos e figuração. Cada um dos termos indica um complexo conjunto de práticas subjacentes que tornam possível a imagem e sua capacidade de conter significado. Segundo Mitchell, a dimensão visual vai além de um repertório de eventos ou objetos visíveis, porque pressupõe uma compreensão dos seus processos, o modo como operam, suas implicações e, principalmente, seus contextos.

A inquietação de Vânia em relação ao papel das imagens na pesquisa tinha dado um primeiro e importante passo. Mas ainda não seria aí que Vânia de fato entraria na experiência narrativa no processo de construção de um pensamento, de apreensão, etc. Esta se deu por meio de um "acontecimento" enquanto dirigia seu carro numa rua desconhecida ao se deparar com um determinado grafite numa casa abandonada.

Figura 5 – Imagens da casa abandonada e seu Grafite fonte da experiência consumatória de Vânia com imagens.

A mestranda denominou este encontro de experiência consumatória relacionando imagem com tragédia.

> De acordo com Raymond Willians podemos chegar à tragédia por muitos caminhos. Ela pode ser uma experiência imediata, um conjunto de obras literárias, um conflito teórico, um problema acadêmico (Williams: 2002, p. 29). Baseio-me em suas considerações sobre as noções comuns da palavra tragédia para, com ela, nomear essa minha experiência pessoal, mas também geral, conforme o descrito [...] Adoto, então, o sentido simplista e comum da palavra tragédia, qualificando uma experiência de uma vida comum, a minha própria. Chamo de uma experiência substantiva, o acontecimento daquela manhã. De acordo com Jonh Dewey, uma experiência de pensamento, como toda experiência integral, fornece-nos um aspecto consumatório para nossas sensações, e formulações teóricas (Dewey: 1985, p.91). Sinto ter-me acontecido aquela sucessão de eventos, proporcionando minha integração com o ambiente e as condições daquela casa. O jogo entre pressupostos e conclusões, que fervilhavam em meus pensamentos naqueles poucos minutos, ocasionado pela minha percepção dos sinais e imagens daqueles cômodos, fora também arbitrado pelas noções teóricas que adotei nessa investigação (exclusão/

> inclusão/desagregrações: pessoais/sociais/estéticas/econômicas; dominação/aviltamentos: sociais, estéticos; espirituais). Já meu sentimento de beleza com as imagens daquele graffiti e meu envolvimento emocional com os sinais dos tipos de experiências que acontecem ali, na escuridão da noite (ou emocional com as imagens, e estético com a feiúra, para mim, daqueles hábitos noturnos), penso que fornecem o acabamento para que minha experiência seja integral e completa, enquanto emocional, de acordo com a teoria (Idem, p. 94) e, de fato, como realmente me senti. (Vânia Olária, texto qualificação, p. 52, 2007).

Vânia fotografou o grafite da casa, causando apreensão por essa atitude. Uma transeunte indagou se ela era da polícia. Aqui temos um conjunto que formam o evento: a casa abandonada, o grafite, a indagação e suspeição por ela ter se interessado, o incômodo físico e psicológico que sentiu. Todos esses fatores constituem a experiência que deflagrou na mestranda uma relação diferente com a investigação em curso.

> Ao final daquela experiência, fiquei com a sensação de ter colhido / construído um elemento de análise significativo para minha investigação de mestrado. Depois de anotar o endereço, guardar a câmara fotográfica com cuidado e fazer minhas anotações de campo, desfrutei de uma sensação de completude, consumação, por um lado. Acendi um cigarro. Mas por outro lado, sentia um enjôo no estômago, sentindo meus preconceitos. Nesse momento de meu trabalho, sinto o quanto que, afastando-se cada vez mais da oferta de respostas e resultados, essa investigação configura-se como uma experiência pessoal de aprendizagem, para mim mesma. (Vânia Olaria, 2009.)

Vania foi além e trouxe as imagens capturadas por ela para uma conversa com seus colaboradores, compartilhou com seus colaboradores seu estranhamento, ouviu as reflexões e ponderações dos mesmos a partir da fotografia do grafite apresentado por Vania. Discutiram estilo, finalidade, uso e desuso daquela visualidade que tanto impacto causou. Refletiram também sobre a reação dela diante do grafite havendo o compartilhamento de

indagações e novas percepções entre ela e seus colaboradores hip hopers e produtores de grafites.

Wolney Fernandes: a terceira margem

O terceiro fragmento que trago é o de Wolney Fernandes que no seu percurso como mestrando passa por migrações e deslocamentos tanto em relação a compreensão das imagens quanto na percepção de si mesmo nos contextos de educação. Wolney é formado em Design Gráfico, ilustrador dono de um traço elegante, refinado. Depois que terminou o mestrado passou como professor substituto para dar aulas de desenho na FAV-UFG. A proposta inicial do mestrando era a de dar continuidade ao seu tema de finalização do curso de graduação, centrando a investigação na figura de Santa Dica (Benedita Cipriano), a única líder messiânica de que se tem notícias no Brasil. Toda a história de Santa Dica e sua gente se dá na mesma cidade onde Wolney nasceu e cresceu, Lagolândia, um distrito da cidade de Pirinopólis no interior do Estado de Goiás.

Figura 6 -A primeira faixa visual apresenta o procedimento de criação estruturado do designer, com estudos diagrama, espaçamento, etc. Esse foi o Trabalho de Conclusão de curso, o mesmo universo imagético que ele trás para o mestrado de Cultura Visual, no qual, sofre os deslocamentos. Geralmente, no exercício das artes gráficas os rascunhos são escondidos, limpados na arte final e os rascunhos são jogados fora. Aqui, vemos Wolney se apropriar do seu próprio processo de criação deixando-o a mostra.

A pesquisa qualitativa envolve um conjunto de práticas materiais e interpretativas que fazem o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo. Elas tornam o mundo uma

série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversações, fotografias, gravações e anotações pessoais (DENZIN & LINCOLN, 2003, p. 4). Wolney, reflete sobre as peculiaridades do seu processo destacando o lugar e a forma que as narrativas assumiram tanto no seu processo formativo quanto na construção do seu objeto dissertação.

"Feito menino do interior, percorri as margens do rio de minha cidade natal e de lá apresentei possíveis cruzamentos entre oralidade, imagem e escrita naquilo que chamei de escrituragem. Em minha dissertação a idéia de escrita em camadas, misturando textos e imagens, sugeriu a ampliação do universo estético a partir da investigação de estratégias de pesquisa que aglutinassem a experiência acumulada por meus diferentes papéis como artista, designer e pesquisador.

A imagem mostra as páginas que compõe a dissertação do Wolney, que fogem totalmente as normas previstas na academia. As páginas são borradas, o texto digitalizado sofre interferências de texto manuscrito e imagético, páginas que se desdobram como encartes publicitários, apontamentos que geralmente fazem parte da pesquisa mas que não vem para o corpo do texto aqui tem destaque como parte importante dessa " escrituragem":

> Uma espécie de cruzamento onde fragmentações e re-elaborações metodológicas criassem espaços de saberes, unindo minhas memórias, histórias e desenhos para revelar experiências em torno de imagens. Vi, ouvi, pensei, desenhei, imaginei, escrevi e re-escrevi em qualquer restinho de papel, apreendendo as idéias e carregando comigo o mínimo delas para que me ajudassem na escritura da experiência. Dessa forma, várias camadas de informações provenientes da oralidade e das imagens foram sobrepostas e interagiram em sua composição, em sua construção de sentidos. Esse movimento propôs, simultaneamente, a defesa de um espaço

> de exceção, expresso pela margem, e a inserção no entrelugar indicado pela referência a uma terceira margem (ROSA, 2001). Situar-me na terceira margem, significou, portanto, "estar entre" duas áreas, em meio a um rio de conexões.

Wolney afirma que na sua pesquisa não foi preciso escolher entre uma margem e outra (referindo-se a escrita e a imagem). O fazer artístico de Wolney (desenhista) contaminou a investigação se tornando a própria metodologia, bem como abriu a prática pedagógica. Wolney o artista gráfico se reconhece em Dona Prizulina, a contadora de história e "ouvidora" de cordéis. A pesquisa, permeada por um contato visceral com o mundo das imagens, reconsiderou sua prática profissional como designer gráfico e ilustrador assumindo o "escriturador" que sempre foi. Seu objeto-dissertação ou dissertação-objeto reverbera na academia e provoca questões sobre "Por que as imagens apenas aparecem nas monografias como ilustrações? Por que elas não são o texto?" (DIAS, 2007).

Rosilandes Martins: ela, ela mesma e Terezas

Rosilandes tem formação em Jornalismo e é atriz e figurinista. Junto com Vânia Olaria forma a minha dupla de orientandas para o biênio 2009/2010. A princípio a proposta de Rosi era a de investigar novas narrativas orais sobre Tereza na cidade de Jaraguá, dando de certa forma continuidade a pesquisas anteriores já desenvolvidas pela professora Dra. Nei Clara de Lima. Enquanto orientadora, algo sinalizava a necessidade de uma mudança de perspectiva. Esta necessidade ficou mais clara quando fui assistir ao monólogo intitulado " O Pó" que a minha orientanda estava apresentando. Fui tomada pela emoção do conjunto performance e universo imagético e de histórias de vida das mulheres "sertanejas". Vi várias mulheres da minha família, a mim mesma mas, principalmente, saí de lá com a necessidade da conexão das Terezas objeto de investigação com a história de vida e trabalho artístico da própria Rosi.

A pesquisa de Rosi passa por um giro narrativo e vai se construindo em torno do imaginário visual de narrativas (orais, visuais) de Tereza Bicuda dentre as quais está a sua própria trajetória de vida, que ela chama de "bornal de memórias". A escrita se desenvolve numa perspectiva multidisciplinar a partir de sua vivência em artes cênicas, com enfoque corporal e de vestimenta, para refletir sobre os contornos que envolvem a figura de Tereza Bicuda. A imagem a seguir revela o caráter de construção manual, também transitando entre escrita e imagens.

Imagem e trecho retirados do texto:

"Tramas de sentidos invisíveis se enlearam e se agregaram a sutilezas, formando texturas de um patchwork sensível, na pesquisa que realizei. Conto sobre o tempo passado no quintal, como espaço para experiência e caminhos a percorrer entre o cuidado, o precário e o cotidiano dos saberes e fazeres. Essas imagens, sensações e percepções incluem as horas vividas próximas da máquina de costura da mãe, lugares que eu fabricava brinquedos e pensamentos sobre retalhos de tecidos, bordados, arabescos de flores, pés das pessoas, corpos de santos, enfeites de almanaque e ornamentos de calendário.

Assim como eu, Rosi sempre gostou de histórias – gibis, filmes, desenhos animados, e isso aproximava a nossa forma de comunicação nas reuniões de orientação onde nos valíamos de recursos imagéticos para discutir as narrativas como espaço de interação social e de definição de subjetividades em termos de classe, gênero, sexo, etnia. Pardinñas nos diz que " Las historias que leemos y estudiamos realmente nos hacen ser lo que somos,

forman parte de nuestra condición de persona. No conocer estos relatos es no saber nada acerca de en que mundo vivimos" (p.18/19). Rosi estrutura seu trabalho a partir desse imaginário, do que viu, viveu, das pessoas que conheceu que a fizeram ser brincante, que a fizeram se interessar por Tereza Bicuda. Seus capítulos foram estruturados sob o conceito operatório da "dobra barroca" que

> ajuda na elaboração de abordagens escapantes de linearidade, cronologia e "limites históricos". Com potencial de serem reconhecidas no modelo têxtil da vestimenta na pintura, as dobras "dilatadas" desta vestimenta barroca saem do quadro, e, distendidas, ganham autonomia, amplitude e tridimensionalidade. Estes conceitos circulantes estiveram pulverizados também no processo da configuração imagética da investigação. Inseri papéis de embrulho e estampados para a impressão, as páginas sustentam dobras e a dissertação vem dentro de um bornal de tecido com pontos, bordados, costuras e burundangas."(Rosilandes Martins, 2010)

Na cultura Visual, campo no qual esses nossos embates se desenvolvem, a idéia da visão é tida como uma prática social, como algo construído socialmente ou localizado culturalmente. Rosi, também contadora de história finalmente reconhece na contação de sua história, as diversas Terezas da sua pesquisa narrativa. Rosi a fazedora de roupas e de mundos cênicos abre seu bornal de memórias e as narrativas que dele saem trazem outras estéticas: do cotidiano, arte pública, arte popular e outras vertentes que se distanciam do tradicional ponto de vista da história da arte oficial permitindo investir numa desfronteirilização pedagógica entre arte e não arte.

Alinhavando pontos, imagens e garatujas...

Para Remi Hess (2005) " o rito de passagem pela tese pode ser um momento construtivo na institucionalização do sujeito que consegue produzir sua obra"(p. 133). O autor pergunta e responde: "O que é 'produzir sua obra'? É produzir-se a si mesmo como uma obra" (p. 132). O aspecto da visualidade

que se refere a maneira como nós olhamos o mundo, tem sido relevante para a construção da representação do conhecimento e acredito na produção das subjetividades de cada mestrando aqui citado. Ivaina, Vânia, Rosi e Wolney passam por processos diferenciados, mas cada um a sua maneira tiveram seus enfrentamentos e deslocamentos na construção de suas investigações, das suas questões, dos processos de compreensão de suas questões e de si mesmos enquanto investigadores conectados a suas histórias, suas vidas.

Seus trabalhos desenvolvidos na linha Educação e Visualidades do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual onde abraçamos a pesquisa qualitativa (sem xenofobia em relação a outras possibilidades) onde investimos na produção de narrativas visuais como recurso investigativo. O uso de narrativas visuais como ferramenta de investigação ainda é pouco discutido entre nós e trabalhos que sugerem o uso de procedimentos metodológicos nessa direção causam estranhamento e desconfiança. No texto [AR]RISCANDO PROFANAÇÕES TRINITÁRIAS: experiências com escrituras de dissertações (2010) escrito a seis mãos onde quatro mãos são de Wolney e Rosi, os autores indicam o estranhamento provocado por seus trabalhos: – "Para que tudo isso?"; – "Isso é só pra impressionar a banca de defesa!"; – "Uau! Que coisa bonita! Deve ter sido uma trabalheira"; – "E pode fazer assim? A universidade aceita?"; – "Lá na minha faculdade isso não seria considerado pesquisa"; – "Então, este programa orienta para fazer pesquisa assim?" (LODDI, MARTINS e OLIVEIRA, 2010, p.9)

Estas perguntas me fazem pensar: tanto o estranhamento quanto o encantamento são relativos aos resultados finais, referem-se ao objeto dissertação que as pessoas tiveram em mãos. Ainda não se percebe os percalços investigativos dos mesmos, parece só purpurina. Todos os trabalhos convergem para a importância do olhar de quem vê pra construir sentidos e subjetividades na imagem, revelam desejos, discursos e práticas que formam o ver.

A cultura visual, enquanto um campo pós-disciplinar se propõe a estudar não somente imagens e seus usos, mas como

essas imagens e usos são constituídos através de relações sociais e históricas e, ao mesmo tempo, essas relações constroem os modos como lidamos com as imagens e as usamos. Também, não está escrito em lugar nenhum do nosso regulamento que as pesquisas devam ser feitas dessa forma. Os resultados seriam os mesmos se o programa de pós-graduação fosse outro? Mesmo dentro do nosso programa, seriam os mesmos se pertencesse a outra linha? E se a orientação não fosse minha? Até que ponto nós orientadores estamos no trabalho dos nossos orientandos? De que maneira nossas histórias de vida se entrelaçam ou dialogam e provocam outros sentidos? Como os mestrandos entrelaçam suas práticas e se auto-referenciam na construção de suas trajetórias investigativas? Difícil saber e dizer. No entanto, sei que em 1995 ao escrever uma conclusão da minha dissertação de mestrado num programa de Educação intercalando versos e imagens, esta não teria sido aceita sem o aval do meu orientador. Também, o uso de "causos" que vou contando no decorrer da minha tese de doutorado como recurso dialógico entre conhecimento popular e o sistematizado pelos autores escolhidos, não teria sido possível sem que a minha orientadora, Dra. Ana Mae Barbosa, fosse cúmplice dessa transgressão.

Procuro alguns pontos conectivos entre a minha experiência e as dos meus orientandos e as formas narrativas de suas dissertações. O interesse pelas visualidades populares me parece um ponto comum com esses quatro ex-orientandos. O bornal de Rosi parece ser meu, a dona Prizulina do Wolney é a minha Dona Dalva, que me contava histórias castelos e reinos distantes. A linha de bordado de Ivaina costura a agenda multicultural que defendo para o ensino de artes visuais questionando as práticas hegemônicas, e o grupo de hip hop de Vânia, se conecta com meu fascínio pelas estéticas urbanas contemporâneas (grafites e outras manifestações) como potencial para a educação para a cultura visual. Pardiñas aponta que encontramos com freqüência os seguintes termos nas pesquisas docentes mais atuais:

> Experiencias del yo - procesos de vivencias de los profesores/as – narrativas de los profesores/as – rastros de la memoria – reflexión – relatos de trabajo – acción de recordar experiencias – método biográfico – los diarios de aula de los docentes – esfera de lo cotidiano – dudas vivenciadas – desafíos que marcan lo cotidiano de los profesores/as – narrativas de los alumnos/as – el pasado como un momento vivo - oír la voz del profesor - narrar sus historias de vida - entender y relacionar memorias de la infancia con cuestiones de arte contemporáneo - historias de nuestra formación docente – reconstruir memorias (PARDIÑAS, p. 18, 2010)

Os quatro exemplos trazem esses termos, costurados, imbricados a um jogo incessante de narrativas que geram outras narrativas. Alinhavando pontos, imagens, garatujas e outras estruturas provisórias, lembro que desde criança gostava de rabiscar nos meus cadernos nas bordas das páginas destinadas a escrita. Nas séries iniciais as professoras me colocavam de castigo tendo como punição a tarefa de escrever 100 vezes a mesma frase "não rabisco mais meus cadernos". Escrever este artigo me faz perceber que continuo rabiscando escrituragens: nos cadernos, nos livros, nas orientações e na vida.

Referências

AGUIRRE, I. Imaginando um futuro para a educação artística. In: **Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa.** Raimundo Martins, Irene Tourinho (org.). Santa Maria: Editora da UFSM, 2009.

BISPO, Alexandre Araújo e NABOR Jr. **Mulher, negra e artista: a estética crítica de Rosana Paulino. In** http://catracalivre.folha.uol.com.br/2010/08/mulher-negra-e-artista-a-estetica-critica-de-rosana-paulino/ (consulta em 27 de fevereiro de 2011).

HERNANDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional.** Porto Alegre: Mediação, 2007.

HESS, Remi. **Produzir Sua Obra – o momento da tese.** Série Pesquisa. Vol 11. Ed. São Paulo:LiberLivros.2005.

GUIMARÃES, Leda. **A linha vermelha do ensino da arte**. Tese de Doutorado. ECA-USP. 2005.

LODDI, Laila, MARTINS, Rosilandes, OLIVEIRA, Wolney. **[AR]RISCANDO PROFANAÇÕES TRINITÁRIAS:** experiências com escrituras de dissertações. Anais 20º. Confaeb. Goiânia. 2010.

MARTINS, Raimundo. In: OLIVEIRA, Marilda de (Org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: Editora UFSM, 2007.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Entre contingências e experiências vividas... Propostas para pensar um ensino crítico de artes visuais**. Visualidades. Goiânia, v. 3, n. 1, 2005.

OLÁRIA, Vânia. **Arte/Vida/Trabalho/ e Experiência Docente**: Produção de Sentidos de Hiphopers da Vila Pedroso. Goiânia: dissertação de mestrado em Cultura Visual. Faculdade de Artes Visuais/UFG, 2010.

OLIVEIRA, Wolney F. de. **Histórias com Dona Prizulina - da beira do fogão à cultura visual.** Goiânia: dissertação de mestrado em Cultura Visual. Faculdade de Artes Visuais/UFG, 2009.

PARDIÑAS, Maria Jeseus Agra. **-** Topografia Crítica: El Hacer Docente Y Sus Lugares - in EÇA, Teseza, Maria Jesus Agra, PARDIÑAS, MARTÍNEZ, Cristina Trigo, PIMENTEL, Lúcia. **Desafios da educação artística em contextos ibero-americanos.** Edição APECV. Porto, Portugal. 2010.

ROSILANDES C. Martins. **Desfiando Terezas e bordando Bicudas – a menina no quintal e as dobras do seu bornal.** Goiânia: dissertação de mestrado em Cultura Visual. Faculdade de Artes Visuais/UFG, 2010.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

TOURINHO, Irene, MARTINS, Raimundo Martins, DIAS, Belidson, MARTINS, Alice Fátima, GUIMARAES, Leda. ATOLADOS: TRUPES FROUXAS, TERRAS INSTÁVEIS, TOPOGRAFIAS AMBÍGUAS - O fazer docente e da pesquisa em educação da cultura visual no centro-oeste brasileiro. In: EÇA, Teseza, Maria Jesus Agra, PARDIÑAS, MARTÍNEZ, Cristina Trigo, PIMENTEL, Lúcia. **Desafios da educação artística em contextos ibero-americanos.** Edição APECV. Porto, Portugal. 2010.